

CÓDIGO FORTE

onde a identidade habita

DAR VOZ AO TERRITÓRIO

O Código Forte é uma iniciativa do projeto “o Local + Próximo - Ligando Territórios, Aproximando Comunidades” promovido pelo MONTE, em parceria com entidades locais, e que visa reforçar a coesão territorial no Alentejo Central através de iniciativas colaborativas, inovadoras e centradas no desenvolvimento das comunidades rurais.

O Código Forte contribui para este propósito dando voz ao território e às pessoas que estão a construir o futuro desta região, pessoas empenhadas na construção de soluções melhores para os diversos desafios atuais e que preservem um futuro digno e sustentável para as gerações vindouras.



SUMÁRIO

Monsaraz, Museu Aberto ao Deleite

Entrevista - Marta Prates, Presidente da Câmara de Reguengos de Monsaraz

À Segunda Vista - Deambulações em Reguengos de Monsaraz

FICHA TÉCNICA

Título: Código Forte - Revista Digital

Direção: Monte, ACE

Edição: Irene Aparicio

Redação: Irene Aparicio

Fotografia: Irene Aparicio, João Peixoto

2ª Edição: Outubro 2026

MONSARAZ, MUSEU ABERTO AO DELEITE

Irene Aparício
Texto e fotografia



Chega-se a Reguengos e desemboca-se na praça central, ladeada pelo edifício da câmara municipal e coroada pela enorme Igreja Matriz de Santo António. Numa sexta-feira de Julho, pela manhã, apesar do calor que se vai instalando, há movimento na rua, esplanadas estendidas no largo a piscar o olho ao cafezinho ou de braços abertos a uma pausa na lufa-lufa diária.

Mais umas horas e o calor esbraseado da tarde há-de desertificar as ruas e deixar à pergunta o transeunte acidental sobre a parança da humanidade. E ainda assim, é Julho adentro que se celebra o Monsaraz Museu Aberto, um evento surpreendente que cruza o território e os seus patrimónios e saberes com diferentes linguagens e visões e traz para Monsaraz, durante uma semana, um conjunto de atividades que são tudo menos previsíveis. De uma vista guiada por arquitetos à Casa na Terra dos irmãos Aires Mateus, a telas oníricas nascidas nas paredes da vila numa cinematografia em movimento, a vila a todos acolhe à sombra da sua muralha.



“CONSISTÊNCIA PODIA SER TAMBÉM A EPÍTOME DUMA DAS ADEGAS MAIS SINGULARES DO PAÍS”

Mas é cedo e Reguengos vive para lá da bienal. Num território com uma tradição vinícola incontornável há adegas que se inscreveram na história do concelho de diferentes formas.

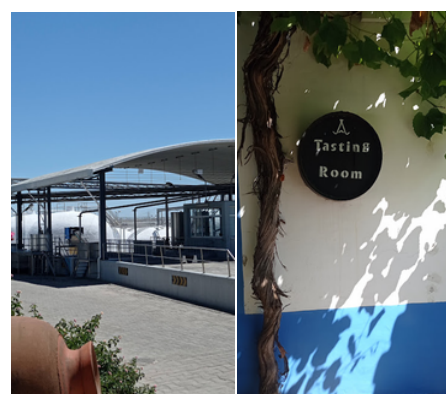
Na CARMIM espera-me o João Marcão, para atravessarmos o legado desta cooperativa, que continua a ser uma das maiores cooperativas agrícolas do país, e que se cruza com a história de Reguengos. Com cerca de 700 sócios, 3000 ha de vinhas e uma centena de trabalhadores, a sua relevância na economia do concelho não é pequena. Também não é despiendo o seu compromisso de manter uma equipa essencialmente constituída por pessoas do território e de manter os escritórios e serviços não agrícolas no concelho. A CARMIM reconhece o valor da origem do seu património e tem procurado engrandecê-lo ao longo dos anos, não só investindo na melhor tecnologia e equipamento do sector, que tanto se reflete no elevado número de tegões que lhes permite fazer uma muito criteriosa separação das uvas à chegada, como numa aposta audaz de colocar o vinho de cooperativa ao nível de vinhos de outras Adegas privadas, contrariando um estigma que tem persistido no tempo.

Foi o que aconteceu com o lançamento do Reguengos Raízes no ano passado, que rapidamente escalou para o topo do canal HORECA e se posiciona nesse segmento como um dos mais reconhecidos do mercado.

E a CARMIM continua a pensar no futuro. Um futuro que se funde com o do concelho e onde o blend entre a tradição e a inovação é tão apurado e pensado quanto os blends que saem do laboratório de enologia e respondem à estratégia das inúmeras marcas que a cooperativa apresenta.

A dimensão e a modernidade da cooperativa impressionam, mas impressiona mais a consistência e a força de uma organização que soube atravessar os tempos sem perder o pé no território.

Consistência podia ser também a epítome duma das adegas mais singulares do país, que a poucos passos do centro da cidade abre as portas para um cuidado regresso ao passado. A Adega José de Sousa é um universo de sensações, que começam ainda antes de entrar, onde no pequeno pátio coberto de latadas, enquanto espero, as folhas que me cobrem brincam às sombras chinesas contra as paredes caiadas e o chão, ao sabor da brisa quente, no silêncio da manhã. Espero, mas é como se não esperasse, num estar bom que agradece o tempo para ver a manhã a começar.



MONSARAZ, MUSEU ABERTO AO DELEITE



Na Adega José de Sousa, mais conhecida por Adega dos Potes o palco pertence às talhas que se alinham escoreitadas, qual armada de Baco, prontas para desaguar o seu néctar em celebrações vínicas que todos os anos encetam um vinho novo, fruto das mais velhas videiras e tradições.

As talhas são maioritariamente do Sec. XIX, feitas à mão com o barro do Corval, de Campo Maior ou da Vidigueira que, tendo características diferentes, vai transmitir diferentes sabores ao vinho. É muito deste processo, como me explica a Ana Lima, é ainda decalcado do dos nossos antepassados, trazendo um saber que bebeu no engenho a forma de produzir um vinho que atravessa o Alentejo como o verdadeiro vinho comunitário, a reunir amigos e famílias durante gerações.

Desde o fabrico das talhas, com o seu debrum encordado delineado para distribuir por toda a superfície a água com que são regadas para arrefecer, à remontagem para que não rebentem, à dorna escondida no chão à espera do desastre, às tarefas (talhas menores) usadas para temperar talhas mais reticentes, tudo tem uma poesia própria, feita dos gestos contínuos e do brio dos seus mestres.



TUDO TEM UMA POESIA PRÓPRIA, FEITA DOS GESTOS CONTÍNUOS E DO BRIO DOS SEUS MESTRES."

Uma poesia que a Adega José de Sousa soube preservar e se prova nos seus vinhos.

Mas Reguengos está longe de esgotar os seus trunfos no vinho, que o património atravessa múltiplas áreas. O acervo megalítico é um deles e o Monsaraz Museu Aberto destaca-o.

Às 19h00 está prevista uma visita às Antas do Olival da Pega. Pergunto por elas e no meio de indicações mais ou menos vagas lá me dizem que siga adiante e depois é "onde vir muitos carros". Desconfio, dado o calor que ainda se faz sentir e o tema, que não me parece dos mais ditosos para aliciar multidões àquela hora. Engano-me. Vejo os carros, são muitos e não deixam dúvida. Ainda antes da anta vê-se a quantidade de pessoas que rumaram até ali. Muitos casais jovens, crianças, famílias rodeiam já o arqueólogo António Valera que descreve em detalhe o que se observa e o que se esconde.



É surpreendente encontrar aqui este grupo composto de gente genuinamente interessada no que diz. É atesta da importância deste património no concelho e do interesse que suscita. A exposição não é longa e o grupo transfere-se para os fardos de palha distribuídos em torno de um palco improvisado sob uma azinheira, gigante um pouco mais abaixo. Alguns fardos estão já lotados e tapetes e colchas são distribuídos pelo chão para aumentar os lugares sentados. Tudo a aguardar mais uma apresentação inesperada, do grupo "Os músicos do Tejo", um conceituado grupo de música antiga que levou a Monsaraz as Cantigas de Santa Maria, um repertório do século XIII.

Enquanto se espera são servidos copos de vinho e pão, o sol vai começando a tingir de ocre o fim de tarde, as muitas pessoas aí reunidas conversam, acomodam-se e largam as malhas do dia enquanto a música encantatória nos transporta para uma dimensão onde o tempo pulsa noutro ritmo. É uma experiência singular e representa aquilo que o Monsaraz Museu Aberto tem de único e que traz todos os anos à vila um mar de gente.

O dia termina no castelo de Monsaraz. Só isso já é uma benesse, porque a vila e o castelo de Monsaraz são os imperdíveis que toda a gente conhece, mas nem por isso deixam de surpreender a cada regresso. A Garota Não atraca no seu Ferry Gold e vamos na viagem, ancorados no dorso medieval do castelo que se lança do topo da planície.

ENTREVISTA

MARTA PRATES, PRESIDENTE DA CÂMARA DE REGUENGOS DE MONSARAZ

Irene Aparício
Texto



“A FRUIÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO É UMA DAS MEDIDAS MAIS IMEDIATAS DA QUALIDADE DE VIDA NUMA CIDADE E DEVE SER PENSADA PARA TODOS”

Em Reguengos de Monsaraz a estratégia do município abraça várias valências e cruza requalificação urbana, agricultura, turismo, cultura e juventude. A presidente da autarquia, Marta Prates defende uma visão de longo prazo para um concelho que quer aproveitar melhor a água de Alqueva, valorizar os seus patrimónios e criar condições para fixar as novas gerações. A requalificação urbana é uma das paixões assumidas da presidente, pela forma como pode objetivamente melhorar a vida dos munícipes. As obras mudam uma cidade, mas essa mudança transcende uma mera renovação do espaço procurando mudar a forma como as pessoas o vivem. Em Reguengos de Monsaraz, a requalificação da zona do Tribunal, com o Jardim da Paz e a nova via pedonal, insere-se nessa lógica. Para Marta Prates, a fruição do espaço público é uma das medidas mais imediatas da qualidade de vida numa cidade e deve ser pensada para todos.

A intervenção respondeu, segundo a presidente da Câmara, a preocupações de mobilidade e acessibilidade, mas também de sustentabilidade e conforto urbano.

A isso junta-se a futura Via Pedonal, que quando terminada terá cerca de seis quilómetros, atravessando a cidade e reforçando a utilização dos espaços públicos para lazer, saúde e atividade física e facilitando o acesso a serviços essenciais.

As intervenções urbanísticas não ficam, porém, confinadas à cidade. Em São Pedro do Corval está em curso a requalificação da Praça Manuel Fialho Reto, enquanto no Outeiro, em Monsaraz, estão a ser remodelados arruamentos com uma solução que facilite a circulação, sobretudo da população mais idosa. Também o Largo Almeida Garrett será transformado, numa lógica transversal de devolver os largos à fruição das pessoas, reduzindo e reorganizando os espaços de estacionamento.

Existe ainda um outro projeto que visa criar a primeira carreira urbana de Reguengos de Monsaraz. Dois autocarros, adquiridos com apoio do Fundo Ambiental, deverão assegurar transporte escolar e, no que concerne à nova carreira, ligações entre bairros e equipamentos como o centro de saúde, escolas, bancos, finanças e supermercados. Um serviço pensado particularmente para uma população envelhecida e com dificuldade de aceder a serviços essenciais e que poderá também contribuir para uma mobilidade mais sustentável.

A requalificação urbana é uma das faces mais visíveis da ação do município, mas há outras batalhas decisivas para o futuro económico e a sustentabilidade do concelho. O acesso dos campos agrícolas de Reguengos à água de Alqueva é um desses desafios, que a presidência considera incontornável. A agricultura continua a ser o grande motor económico do concelho e há que assumi-lo e criar condições para que no futuro continue a demonstrar vitalidade e a ser um dos maiores ativos da região.

Marta Prates recorda que, quando chegou à presidência, em 2021, o bloco de rega de Reguengos de Monsaraz era uma reivindicação com cerca de duas décadas. A contradição era evidente. Os agricultores tinham a água da barragem praticamente à porta, mas sem possibilidade de a utilizar nas suas culturas.

A obra, orçada em cerca de 30 milhões de euros, encontra-se finalmente em andamento e a presidente não a vê apenas como uma infraestrutura agrícola que beneficia exclusivamente o sector, vê nela um potencial ponto de viragem para toda a economia local. Nas suas palavras, “o que vai acontecer com a construção do bloco de rega de Reguengos é uma revolução neste concelho” porque mais água pode significar maior produção, melhores condições para a vitivinicultura e outras atividades agrícolas e novas empresas associadas, com a eventual criação de um *cluster* industrial associado ao setor. E na visão de Marta Prates, o efeito alastra ao comércio, à habitação e aos restantes setores económicos, trazendo benefícios transversais para o concelho. É nesta ideia de antecipar o futuro que a presidente coloca uma das suas principais bandeiras políticas.



ENTREVISTA

MARTA PRATES, PRESIDENTE DA CÂMARA DE REGUENGOS DE MONSARAZ

Irene Aparício
Texto

“Pensar o presente é essencial, pensar a médio prazo é fundamental, mas temos de pensar a longo prazo também”, defende. Uma visão que aplica igualmente às políticas de juventude e infância, áreas em que o município se quer assumir como concelho de referência, criando condições para que os jovens que saem para estudar tenham razões para regressar. Reguengos reúne também patrimónios muito diferentes, que vão da produção vinícola ao dark sky, o barro de São Pedro do Corval, os monumentos megalíticos, a água do Lago Alqueva, a gastronomia, todos eles com valor intrínseco. A estratégia turística do concelho procura juntar estes diferentes elementos numa oferta comum. Através dos projetos PROVERE cruzam-se os dois maiores ativos turísticos do concelho, o vinho e a água, ligados ao enoturismo e às infraestruturas náuticas. Para Marta Prates estes projetos da estratégia de eficiência coletiva do PROVERE são importantes precisamente por permitirem trabalhar em rede com outros municípios. Reguengos conta já com cerca de uma dúzia de adegas com estruturas de enoturismo, enquanto os visitantes que chegam pelo Alqueva não se ficam apenas pela recreação náutica e podem ser encaminhados para outros produtos e experiências do território. Mas investimentos mais estruturantes estão muito dependentes de políticas de coesão nacional efetivas porque as câmaras municipais do interior têm poucas receitas. Para a autarca, tudo isto esbarra na capacidade financeira dos municípios do interior e nesse sentido os projetos como o PROVERE têm enorme importância. “Precisamos de ser olhados como parte do resto do país porque somos parte do país”, afirma, defendendo uma política de coesão territorial e nacional que vá além do discurso.



Entre os ativos de Reguengos de Monsaraz, a reserva Dark Sky assume um papel particularmente distinto. Os dois observatórios existentes no concelho atraem um tipo de visitante interessado não apenas na astronomia, mas também em conhecer a restante oferta cultural, patrimonial e de lazer, em provar a gastronomia e produtos locais, em adquirir artesanato e em permanecer mais longamente no concelho.



Entre os ativos de Reguengos de Monsaraz, a reserva Dark Sky assume um papel particularmente distinto. Os dois observatórios existentes no concelho atraem um tipo de visitante interessado não apenas na astronomia, mas também em conhecer a restante oferta cultural, patrimonial e de lazer, em provar a gastronomia e produtos locais, em adquirir artesanato e em permanecer mais longamente no concelho. É um turista que vem e descobre outros elementos da identidade de Reguengos e que não se limita ao período estival. O crescimento turístico do concelho tem sido significativo nos últimos anos, embora a presidente reconheça desequilíbrios. O alojamento local concentra grande parte do investimento em alojamento turístico e levanta, simultaneamente, a questão da habitação disponível, como acontece um pouco por todo o país. A restauração, por seu turno, não tem acompanhado a evolução da procura de alojamento havendo uma carência de oferta nesta área.

"PENSAR O PRESENTE É ESSENCIAL, PENSAR A MÉDIO PRAZO É FUNDAMENTAL, MAS TEMOS DE PENSAR A LONGO PRAZO TAMBÉM."

ENTREVISTA

MARTA PRATES, PRESIDENTE DA CÂMARA DE REGUENGOS DE MONSARAZ

Irene Aparício
Texto

No que se refere ao sector cultural Marta Prates é muito clara sobre a sua posição e a do seu executivo, afirmando que “não entendemos a cultura como uma despesa, entendemos a cultura como um investimento”.

O Monsaraz Museu Aberto e o festival literário Terroir são vistos não como luxos num território do interior, mas como investimentos na identidade e na capacidade de atração do concelho, mas acima de tudo, como investimentos no bem-estar e na felicidade de quem vive no concelho, porque, como reitera a presidente, a arte tem uma linguagem universal e a beleza é fundamental para uma vida feliz e plena.

É nesse contexto que surge também a ambição de criar o Centro Cultural Casa das Artes Alberto Janes, associado à ampliação do atual auditório, com novas salas, espaços para residências artísticas e um café-concerto. A autarquia pretende ainda avançar com a recuperação de uma antiga adega municipal para uma Enoteca.

No final da conversa, quando questionada sobre o que sente ao percorrer o concelho e ver a fruição das obras realizadas, a presidente admite que se emociona e que poder usar a política, enquadrada por uma visão humanista, para trabalhar para as pessoas, ter instrumentos para fazê-lo, e perceber que as pessoas estão felizes com alguma coisa que lhes foi proporcionada, é muito gratificante.

"NÃO ENTENDEMOS A CULTURA COMO UMA DESPESA, ENTENDEMOS A CULTURA COMO UM INVESTIMENTO."



É também nesse momento que a presidente regressa à ideia que atravessa toda a entrevista. Mais do que inaugurar obras, diz querer deixar “pilares” para daqui a 10, 20 ou 30 anos. Considera essa uma das responsabilidades do cargo e extremamente importante, para que quem venha a seguir tenha alicerces para trabalhar. Num concelho que procura conciliar agricultura e turismo, património e modernidade, crescimento e qualidade de vida, Marta Prates defende essa visão de longo prazo como a principal ferramenta política para uma mudança consolidada e consistente. E deixa uma convicção “a política é o instrumento que nos permite mudar as coisas” desde que seja, acrescenta, bem aplicada.



Fotografia:

Irene Aparício
João Peixoto

À SEGUNDA VISTA

DEAMBULAÇÕES EM REGUENGOS DE MONSARAZ

Irene Aparício
Texto e fotografia



"ACHO BONITO. MESMO BONITO.
MESMO DE VERDADE."



ATRÁS DAS PORTAS É HORA DA SESTA OU DE FUGIR DO AZIMUTE SOLAR E NINGUÉM SE ARRISCA.

De raspão, uma placa carcomida na beira da estrada chama-me a atenção. Percebo mal o desvio e atiro-me a um caminho de pedras. É curto, não há espiga. Lá encontro a vereda certa e avanço. Encosto o carro sob uma velha e densa oliveira e encontro abrigo sob uma latada descaída dum casebre que ladeia a ermida assinalada na placa. Ermida de Nossa Senhora do Rosário, de seu nome. Poderia ser um ermo - terá sido talvez - não fosse tão próxima da estrada. Sabe a ermo o silêncio e a solidão que se desprendem do lugar a meio da tarde de Verão. Acho bonito. Mesmo bonito. Mesmo de verdade. Essa verdade que é um misto de permanência através dos anos com uma parcimónia da existência. Não querer ser o que se não é. Uma ermida num ermo, que pode ser lugar de romaria ou apenas o solo sagrado onde uma alma se resume a existir inteira sob o calor extremo do Verão. Contorno o edifício e descubro que casou traços manuelinos com a estética mudéjar num acordo singelo que atravessou gerações. Sento-me um momento sob a sombra abençoada do olival, a acertar o compasso cardíaco com a placidez do lugar e lá acabo a seguir caminho.

Em São Pedro do Corval as ruas estão desertas. Atrás das portas é hora da sesta ou de fugir do azimute solar e ninguém se arrisca. Algumas olarias permanecem, ainda assim, abertas e recolhem a frescura que abandonou as ruas.

As cores e os motivos que vivem na cerâmica que se estende nas paredes e no chão chamam o olhar e aquele sorriso interior de quando se "fisgou" uma coisa bonita e não se quer dizer.

Monsaraz há-de ser uma das vilas mais bonitas do país. Já o era como baluarte fronteiriço erguido sobre um horizonte a perder de vista, mas desde que se viu rodeada das águas abundantes da barragem parece talhada para poemas épicos, ou pronta a soltar dragões e rainhas destemidas do alto das suas amuradas. Mas até lá chegar não faltam apelos que nos desviem do destino incontornável.

Antes de me fazer à estrada vou ver o renovado Jardim da Paz, junto ao tribunal, acabado de inaugurar num ajardinado convidativo e que confina com o parque da cidade, onde as copas frondosas das árvores e os recantos pensados ao pormenor incitam a repousar.

Sigo para São Pedro do Corval. Um sol escaldante a morder o caminho.

Não sigo o roteiro estrito, a apelar ao checkpoint mas uma rota com ideias várias. Recuso a determinação da visita obrigatória e prefiro a determinação da vontade momentânea, atraída pelos pequenos nada do caminho.



À SEGUNDA VISTA

DEAMBULAÇÕES EM REGUENGOS DE MONSARAZ

Irene Aparício
Texto e fotografia

Há que ser um pouco sub-reptício a negociar, não declarar logo o seu amor incondicional à singeleza do desenho, à coleção colorida que se quer pendurar da parede. As olarias são muitas e há que atravessá-las com espírito aguçado para determinar com precisão qual o rasgo que vai vencer a nossa resistência e acabar na mesa da cozinha lá de casa. Abalo para ir professar mais adiante.

Quando chego ao Convento da Orada não se vêivalma. É um choque o contraste entre a planície despida e a magnitude do edifício. Uma linha de palmeiras quais soldados perfilados no horizonte inacabado parece registar a imponência que o quadro pede. Mas sob o corte abissal da luz na brancura das paredes só a reclusão monacal permanece. É agora um hotel e trará talvez essa oclusão interior que tranca o ruído externo e permite descansar. Um oásis a flutuar na imensidão. Na capela oiço vozes, riso, música. Há um ensaio de flamenco, cheio de salero e côr, que aposto ser o que se apresentará mais logo no Monsaraz Museu Aberto.

Deixo o convento e rumo à praia fluvial. Vou devagar, a deixar para trás o silêncio na antecipação do que irei encontrar.

A praia está cheia. Cheia. São quatro da tarde. Imaginem só uma praia no Alentejo, em Julho, às quatro da tarde. É isso.



Há bares na praia com música a tocar. Há alugueres de canoas com música a tocar. Há vendedores de quinquilharias. Há grupos de autocarros, grupos organizados e grupos desorganizados e na margem disciplinada da praia os lugares são poucos e o bulício alegre das famílias ressoa no ar.

Compro uma água e sigo para a margem oposta. Não tem areia. Está tranquila, o recorte da enseada é suave e os barquinhos a balançar com a brisa fazem jus à beleza do lugar e ao bendito espelho de água que veio apaziguar as agruras do Verão alentejano. Testo a água que se sente doce, como a luz a brincar na ondulação suave do grande lago.



**"UM OÁSIS A FLUTUAR
NA IMENSIDÃO."**



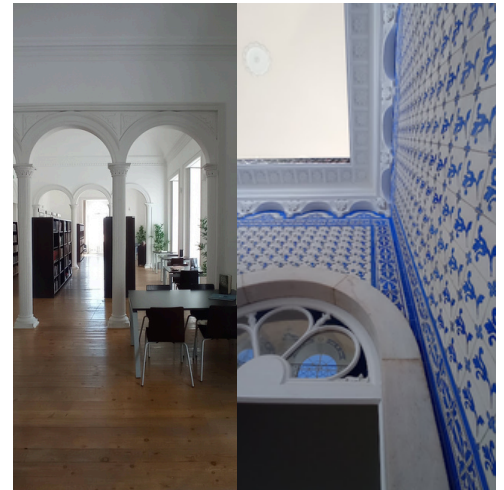
À SEGUNDA VISTA

DEAMBULAÇÕES EM REGUENGOS DE MONSARAZ

Irene Aparício
Texto e fotografia



Mas quero ainda regressar à biblioteca antes que feche. Atravessei-a antes sem o tempo que ela merece. Quero parar no topo da escadaria e perder a palavra que as paredes recobertas de azulejos belíssimos, alinhados pela perícia de artistas que os casaram com o desenho das janelas que os inundam de luz, me roubam. Quero atravessar as salas cosida com as paredes e apanhar de surpresa as fábulas animistas que as preenchem. Quero sentar-me na cadeira que vi ao fundo, ao lado da Agustina, sob a janela, e ouvir as vozes que a habitam quando todos já partiram. Tenho a certeza que a luz que bate nas arcadas, no vazio, encontra caminhos que resguarda do burburinho e que se soltam das paredes todas as aves azuis que as cobrem e reescrevem os padrões encantatórios que me enfeitiçaram mal entrei no vão da escada. Senão donde vem essa beleza pungente que atravessa aquelas salas? Reguengos, que outros segredos escondes?

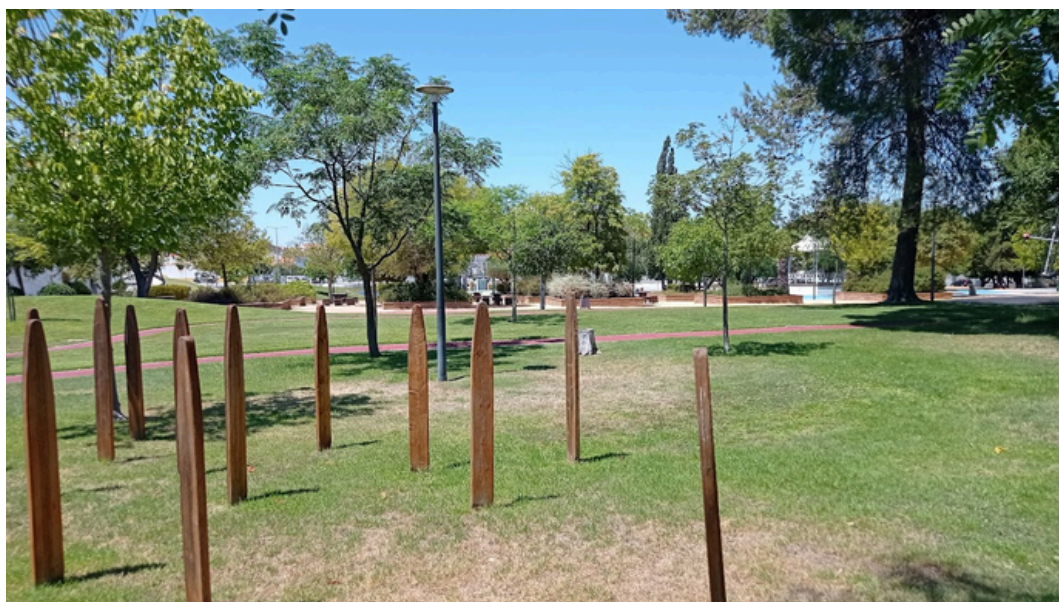


CÓDIGO FORTE

onde a identidade habita

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todos os artesãos, empresários, instituições e pessoas com quem nos cruzámos e que contribuíram para esta edição .



CONTACTOS

Monte - Desenvolvimento Alentejo Central, ACE

Morada: Rua Joaquim Basilio Lopes, nº1, 7040-066

ARRAIOLOS

Email: monte@monte-ace.pt

Telefone: 266490090

Website: www.monte-ace.pt

Facebook: <https://www.facebook.com/monteace>

Instagram: [instagram.com/monte_alentejocentral](https://www.instagram.com/monte_alentejocentral)

YouTube: [youtube.com/@montearraiolos](https://www.youtube.com/@montearraiolos)